

Drogas: há saída para o “falcão”?

O documentário exibido pelo “Fantástico” foi explosivo. Virou assunto da semana. Que solução você aponta para o problema dos menores envolvidos com o tráfico e uso de drogas?

SILVANA GALLINA

Diretora-Presidente do Instituto de Atendimento Socioeducativo do ES

PADRE XAVIER PAOLILLO

Pastoral do Menor

Uma ampla rede de proteção

Pebater esse tema é preciso despir-se de toda a intolerância e de todo rótulo sobre adolescência e criminalidade. É ter presente que a adolescência é marcada pela motivação imediatista, pelo questionamento das regras, pela construção de novos referenciais de vida, pela busca de respostas para suas angústias, incertezas e para todas as mudanças psicológicas, sociais, culturais e corporais. É um período de busca por autonomia, identidade e visibilidade.

Hoje a sociedade pauta suas relações no consumo exacerbado, onde o “ter” é mais importante, e até determinante, do “ser”. Junte-se a isso a fragilidade ou ausência de referências de afeto e de limite. As famílias não têm clareza do seu papel e, em geral, estão comprometidas na situação de pobreza, o que contribui, mas nem sempre é causa definitiva, para a inserção do adolescente no tráfico de drogas. Nesse contexto, as ações ilícitas exercem uma sedução aos adolescentes pela possibilidade rápida de ascensão ao lugar de visibilidade social, de exercício do poder, de acesso à renda sem precisar construir um projeto de vida. Assim, muitos deles são cooptados por grupos que se tornam provedores e detentores de suas vidas. E, como nada mais é oferecido, eles seguem esse caminho, mesmo tendo a clareza do risco dessa decisão.

É necessário um esforço coletivo para resgatar os “falcões” das ações ilícitas como o uso e tráfico de drogas. A articulação e compromisso das diferentes instituições públicas – da esfera federal, estadual e municipal –, aliadas às ações de solidariedade da sociedade, sociedade civil organizada e principalmente da família é o caminho para a re-significação da vida desses adolescentes. A esse esforço coletivo se pode chamar “rede de proteção social” para a juventude. Cultura, esporte, escolarização, profissionalização, entre outras ações, devem oferecer a esses jovens um outro lugar de construção de identidade e visibilidade social, de modo a oferecer no presente as ferramentas para a construção de um futuro digno e solidário. Um trabalho conjunto, que dê sentido à sua própria vida e à vida dos demais que estão à sua volta.

Para os usuários, é imprescindível a implantação de uma política pública de atendimento especializado em drogadição, juntamente com um trabalho educativo.

Só essa “rede de proteção” irá contribuir para que o “falcão” encontre sentido para sua vida e para que não seja protagonista dessa triste e degradante história.

A profecia de Falcão

Falcão não é simplesmente um bandido prematuro, é uma criança. Não é um fato isolado. É uma multidão. Não é filho de ninguém. É broto nosso. Seu pai chama-se neoliberalismo. Sua mãe, concentração de renda. Desde pequeno foi abandonado pelo individualismo. Foi adotado pelo poder público. Foi um inferno. Jogavam-lhe na cara que tudo não passava de um favor. Era tratado como coitado. Era cliente da assistente social. Antes de ser cidadão. Foi feito eleitor. Tiraram o título para que não deixasse de votar no seu padrinho. Reivindicava direitos, recebia sermão sobre deveres. Pedia carinho. Recebia pancada. Sonhava com um abraço. Era mantido a distância. Gritava sua dor. Ninguém lhe prestava ouvido. Um dia pegou na arma e partiu pra cima. Nunca se viu tanta gente. Até o helicóptero chegou. Mobilizou-se todo mundo. Polícia, imprensa e autoridades. Não faltou o debate. Um monte de dedos indicadores apontados para o coitado. Falcão virou bode expiatório. Justiça estava feita. “A culpa é do menor”, gritava o povo enfurecido. Foi encarcerado. Mantido a distância. Pronto para ser morto. Mas parece não ter fim. Ele nos alertou: “Se eu morrer, amanhã vai ter mais!”.

Será que tem solução? A solução está no Falcão. Sua presença é profecia. Denuncia o fracasso do sistema neoliberal. O prometido bem-estar não é para todos. É só para poucos. O resto que se dane. O jeito é partir para a solidariedade. Não dá mais para manter ou se manter a distância. É urgente se fazer próximo. Marcar presença no mundo dele, sofrer juntos, cuidar, preocupar-se, partilhar... é só isso que nos faz gente. Falcão é nosso irmão. Ele vai sair dessa se tiver espaço para ele em nosso meio. Vai mudar, se for tratado como gente.

“Irrecuperável” é rótulo para se jogar no lixo. Ele é muito mais daquilo que apronta. Precisa de oportunidade para mostrar seu valor. Acreditar nele para ver é o caminho certo.

Sua vida precisa de valores. Não dá para viver de qualquer jeito. Precisa viver intensamente. Os valores não se ensinam na escola, nem se vendem no supermercado. Vivenciam-se. Falcão precisa de testemunhas. Precisa olhar para mim e para todo adulto que estiver ao seu redor para dar o rumo certo à sua vida. É o desafio da ética. Difícil de se achar nos nossos dias. Imprescindível para não acabar com a vida de Falcão.